



Projeto Margaridas: uma experiência de extensão com mulheres do Assentamento Jiquiriçá, Ubaíra, Bahia, Brasil

Margaridas Project: an extension experience with women from the Jiquiriçá Settlement, Ubaíra, Bahia, Brazil

Bocchese, Cláudia Lima¹; GARCIA, Rita Vieira²; PEDRA, Reinalda de Jesus³
JESUS, Aila Cristina Costa⁴; LIMA, Jessica⁵

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, claudia.lima@ifbaiano.edu.br

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, rita.garcia@ifbaiano.edu.br;

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, nalda_rjp20@hotmail.com;

⁴ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, ailacristinacj@gmail.com; ⁵ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, jessica.lima@ifbaiano.edu.br

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: O presente relato traz observações e reflexões a partir do Projeto Margaridas, que teve como propósito despertar mulheres do Assentamento Jiquiriçá para o aprendizado ou aperfeiçoamento de manualidades e uso de tecnologia digital. O projeto teve várias etapas: oficinas, aulas de letramento digital, participação em feiras e intercâmbio. Os temas contribuíram para o fortalecimento do trabalho de algumas moradoras. O grupo reconheceu que a formação de grupo produtivo demanda interesse, predisposição, união e trabalho. Cabe notar que ainda são necessárias ações de extensão trazendo abordagens sobre autogestão e cooperação, comercialização local, conscientização sobre propriedade social dos bens de produção, o que pode contribuir para compreender os processos e auxiliar no protagonismo das mulheres na transformação de suas realidades.

Palavras-Chave: associativismo; letramento digital; manualidades.

Keywords: associativism, digital literacy, handcrafts

Contexto

O resumo aqui apresentado está pautado nas observações e reflexões a partir de projeto Margaridas e tem como propósito mostrar desafios na realização de atividades com assentamentos que ainda não têm um trabalho consolidado, trazendo o viés da extensão universitária como elemento que pode contribuir com o desenvolvimento dos processos da organização produtiva de grupos de mulheres. O projeto foi desenvolvido no período de junho a dezembro de 2017, fomentado pelo Edital Institucional do IFBaiano denominado Projeto Margaridas, tendo como público mulheres do Assentamento Jiquiriçá.

O Assentamento da reforma agrária Jiquiriçá, mais conhecido por Natur de Assis, denominação da Associação de Moradores, pertence ao município Ubaíra e localiza-se na Bacia do Jiquiriçá, estado da Bahia, na BR 420, km 8 da Rodovia Santa Inês-Ubaíra. Segundo Silva (2012) esse assentamento foi uma conquista de trabalhadores moradores da periferia, lavradores mal remunerados e explorados pelos patrões, feirantes, diaristas, mecânicos, pedreiros, ajudantes de pedreiro, entre outros, que acampam em torno da fazenda improdutiva Jiquiriçá.



A grande maioria dos assentados sobrevive com benefícios sociais dos programas assistenciais do governo federal. A renda, em menor quantidade, provém das poucas glebas com plantio de mandioca, abacaxi, maracujá, criação de cabras, na época que tem água, e do comércio local por meio da revenda de frutas e hortaliças.

Descrição da Experiência

A proposta teve como propósito despertar mulheres do Assentamento Jiquiriçá para o aprendizado ou aperfeiçoamento de técnicas sobre manualidades e iniciação à informática. O projeto teve dois momentos distintos: primeiro, denominado de tardes criativas, que consistiu na realização semanal de oficinas ministradas por “artesões” locais, a exemplo, pintura (tecido, alumínio e cerâmica), fuxico, biscuit, crochê, decoupage, macramê, peças com borracha, palha de licurí, cipó; o segundo resultou em oito encontros, no Laboratório de Informática do IFBaiano campus Santa Inês, para conhecimento e manuseio de sítios de pesquisa e redes sociais, planilha eletrônica, edição de textos, elaboração de cartões e folder que são ferramentas potenciais para utilização nos processos de marketing e comercialização. Houve ainda a participação em dois eventos locais: feira de artesanato em Santa Inês-Ba e a feira feminista em Mutuípe-Ba, além de um encontro (intercâmbio) numa comunidade em Maracás.

O tema trabalhos manuais foi escolhido por apresentar caráter familiar, no qual as mulheres, possuindo os meios de produção, que são instrumentos simples e matéria prima de baixo custo, podem trabalhar com a família em sua própria casa.

Durante as oficinas, assuntos outros de interesse do universo feminino também eram discutidos, como violência doméstica, trabalho doméstico, saúde da mulher, autocuidado, machismo, papéis atribuídos à mulher na família e na comunidade.

Para dar início ao projeto foi preciso contar com o esforço e doação das assentadas para limpeza da sede da associação (local das oficinas), organização do material a ser trabalhado e outras providências como viabilizar outro espaço porque a sede não oferecia condições estruturais e não dispunha de móveis, sendo necessário o grupo buscar uma casa na comunidade com espaço e móveis para comportar a totalidade das participantes.

Fez-se necessário também pensar em estratégias para ocupar as crianças filhas (as) das participantes deixando-as livres e despreocupadas durante as oficinas. Para isso foi organizado um espaço com brinquedos e materiais educativos.

Resultados

O projeto iniciou com 20 mulheres, chegando ao final com apenas oito. As desistências foram motivadas por dificuldade de descolamento dentro da própria



comunidade, pois a sede é distante das residências (agrovila) como também para tratar de pessoa da família com problemas de saúde, e para assumir compromissos de trabalho com garantia de renda. É importante observar que as faltas estão relacionadas a atividades remuneradas e ao atendimento do papel historicamente considerado feminino.

As mulheres comentavam que o momento das oficinas é prazeroso, permite uma conversa descontraída sobre assuntos da sua rotina como exemplos crianças, escola, casa, culinária e que se esqueciam dos problemas que estavam enfrentando, sendo o assunto responsabilidade com os filhos o mais recorrente.

A participação do coletivo em eventos de artesanato e aqueles destinados a grupos de mulheres trouxeram um ânimo para continuidade do trabalho, despertando o interesse de algumas mulheres, as mais jovens, para a formação de um grupo produtivo. Entretanto, o tema não atendeu ao interesse de parte das moradoras. Algumas julgam-se cansadas, outras com problemas de saúde e muitas têm por expectativa apenas a conquista de sua aposentadoria como agricultora.

De uma maneira geral, pode-se dizer que os temas, trabalhos manuais e letramento digital, associados à dinâmica do projeto, tiveram importante contribuição no fortalecimento do trabalho desenvolvido por moradoras que já atuam com confecção de cestos de cipó, corte e costura, fabricação de sequilhos e doces.

Segundo relatos das mulheres, muitos projetos executados anteriormente, não tiveram continuidade. Alega-se que sempre houve dificuldade com a organização do trabalho coletivo devido a conflitos internos. A esse respeito, Oliveira, Farias e Olalde (2017) relatam sobre a dificuldade dos assentados do Jiquiriçá na realização de trabalhos nas áreas coletivas, durante Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental à Reforma Agrária (Ates), demonstrando resistência às ações voltadas para emancipação e autogestão.

Ainda assim, o grupo reconheceu que os desafios para execução do projeto como providenciar local, móveis, organização das atividades, entre outros só foram sanados tão somente pelo envolvimento de algumas mulheres e pela incorporação de estratégias da própria comunidade. Esse episódio pode ser considerado como um elemento significativo e proveitoso para o grupo, haja vista, a dificuldade das mulheres em trabalhar coletivamente, ficando como uma lição que a predisposição, interesse, união e o trabalho são fundantes na formação de grupos produtivos.

Com esse projeto pode-se notar que ainda se faz necessário haver mais atividades de extensão, não tanto de ações de intervenção ou capacitação nos processos de produção, mas aquelas relacionadas à organização do trabalho tais como práticas de autogestão e cooperação, comercialização local, conscientização sobre propriedade social dos bens de produção, ou outros conteúdos que possam promover o desenvolvimento das associações. Portanto, mais ações e projetos de



extensão, devido a sua potência agregadora podem contribuir para compreender e auxiliar no protagonismo das mulheres na transformação de suas realidades.

Aqui cabe lembrar que a extensão no mundo rural deve se aproximar das demandas que podem contribuir com a implantação e consolidação de estratégias de desenvolvimento rural sustentável visando à geração de renda e trabalho, e inclusão social conforme consta na Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (BRASIL, 2004). O atendimento dessa política requer uma metodologia inovadora e de caráter educativo, buscando promover a apropriação coletiva de conhecimentos, a construção ou adaptação de processos e tecnologia sustentáveis. Para tanto demanda por profissionais que entendam o papel educativo reflexivo da extensão rural, problematizando a situação em que está inserido e se aproximando do local de atuação, conforme a visão freiriana.

Trazendo um pouco do aspecto dos projetos de extensão, vale destacar que deve haver uma articulação, no sentido plural da palavra, com os outros processos acadêmicos de forma a conferir mais qualidade a suas intenções. Nesse sentido, Machado e Azevedo (2015) comentam que da tríplice função da universidade, por vezes, a extensão é menos priorizada, e que articular atividades de pesquisa e ensino visando o desenvolvimento de projetos extensionistas ainda representa um grande desafio. O relato sobre a falta de continuidade de muitos projetos após a saída da instituição pode sugerir o quanto urge o debate sobre, e a articulação dos processos. As ações de extensão devem propiciar o diálogo entre os saberes técnicos e científicos e os saberes popular e cultural, gerando novos conhecimentos e potencializando ações emancipatórias, democráticas, solidárias e transformadoras (FREIRE, 2015; SANTOS, 2010).

Todavia, os resultados não se resumem ao presente Relato, mas a um processo de aprendizagem, de construção e de reconhecimento do poder da organização para realização de trabalhos com mais eficiência.

Agradecimentos

As mulheres do Assentamento Jiquiriçá que ao participarem do projeto contribuíram com a formação dos estudantes. A Pró-Reitoria de Extensão IFBaiano pelo fomento.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**. Brasília, 2004.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 127 p.



MACHADO, A. M.; AZEVEDO, L. A. A atividade de extensão universitária, o Jardim São Remo e uma Instituição Educacional: desafios na criação de um campo comum de trabalho. **Rev. Cult. e Ext. USP**, São Paulo, v. 13, p. 85-95, maio 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v13i0p85-95>>. Acesso em: 20 maio 2019.

OLIVEIRA, A. S. de; FARIAS, R. G.; OLALDE, A. R. Avanços e desafios do programa de assessoria técnica, social e ambiental - ATEs em projetos de assentamento no Vale do Jequiçá – BA. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 20, n. 35, p. 218-229, jan./abr. 2017.

SANTOS, B. S. A. **Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

SILVA, G. R. **Cultura e matemática, diálogos com as diferenças: um estudo de caso da Etnomatemática do Assentamento Rural Natur de Assis**. 2012. 172 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.